



PRODUÇÃO TEXTUAL: AJUDANDO A IDENTIFICAR E BUSCANDO SOLUÇÕES PARA RESOLVER PROBLEMAS DE ESCRITA EM SALA DE AULA

SANTOS, Eliane Perdomo dos¹; BRUTTI, Elizane Aparecida²;
FREITAS, Margarida³; PROCÓPIO, Therezinha⁴;
HACKENHAAR, Luciana⁵; SOUZA, Antonio Escandiel de⁶

Resumo: O trabalho tem como objetivo refletir sobre o processo de produção de texto e ajudar a identificar os problemas de escrita em sala de aula, tendo como base pesquisas de Paulo Freire, Faraco, Kleiman e outros que estudam o processo de produção textual e leitura. Busca valorizar os conhecimentos prévios dos alunos e inserir nos textos o conhecimento de pontos gramaticais fundamentais na produção de um determinado gênero. A maneira pela qual os professores conduzem as aulas de produção textual torna possível um fortalecimento das relações entre professor X aluno X escola, o que proporciona um melhor aproveitamento na aprendizagem, obtendo resultados significativos na turma em que foram realizados os métodos de produção. Nota-se que o trabalho do professor deve ser contínuo, utilizando mecanismos diferenciados de leitura, com o intuito de oportunizar aos alunos atividades que desenvolvam suas capacidades e habilidades contribuindo, assim, na formação de cidadão atuante na sociedade em que vive.

Palavras-Chave: Produção textual. Aluno. Aprendizagem.

Abstract: The work aims to reflect on the process of producing text helping to identify and searching solutions to resolve writing problem in the classroom, based on research of Paulo Freire, Faraco, Kleiman and others who study the process of writing and reading. Seeks to enhance the students' prior knowledge and insert text in the knowledge of basic grammar points in the production of a particular genre. The manner in which teachers lead the classes of writing makes possible a strengthening of relations between teacher X student X school, which provides a better use in learning, achieving significant results in the class that was held production methods. Note that the teacher work should be continued, using different mechanisms of reading, in order to create opportunities for students activities that develop their skills and abilities, thus contributing in the formation of an active citizen in society where he lives.

Key Words: Textual Production. Student. Learning.

¹ Acadêmica de Letras e Bolsista do PIBID/Unicruz;

² Acadêmica de Letras e Bolsista do PIBID/Unicruz;

³ Acadêmica de Letras e Bolsista do PIBID/Unicruz;

⁴ Acadêmica de Letras e Bolsista do PIBID/Unicruz;

⁵ Professora da rede pública de Ensino na Escola Estadual de Educação Básica Margarida Pardelhas. Professora Bolsista Supervisora do PIBID/Unicruz - subprojeto Letras, na E.E.E.B. Margarida Pardelhas;

⁶ Doutor. em Linguística Aplicada pela UFRGS, Coordenador do subprojeto de Letras do PIBID Unicruz/CAPES



Introdução

Este estudo é uma reflexão a respeito da produção textual ajudando a identificar e buscando solucionar os problemas de escrita em sala de aula. Para isso, os PCNs podem se tornar uma ferramenta indispensável para os professores, orientando-os na função de articular as vivências e os conhecimentos em currículos escolares coerentes com a realidade social. Instrumento este, que serve para o apoio e a elaboração de projetos educativos, planejamentos de aulas, bem como a análise de material didático, possibilitando também a atualização dos professores.

Empiricamente, percebe-se que os alunos de ensino médio apresentam certas dificuldades em organizar o raciocínio na produção de um determinado texto. O ato de ler colabora para torná-los conscientes e capazes de darem opiniões sobre o que acreditam no momento, embora não formem opiniões definitivas.

Procurou-se desenvolver uma pesquisa bibliográfica e de práticas em sala de aula com os alunos do ensino médio da escola Margarida Pardelhas em uma turma de 3ª série do noturno com o objetivo de abordar aspectos importantes sobre o processo de desenvolvimento da escrita e da produção textual.

Acredita-se que esta relação mais próxima facilite o aprendizado em sala de aula. Este contexto influencia a prática da leitura que caminha junto com o ato de escrever. É necessário que o professor esteja atento aos anseios dos alunos e que tenha a percepção dos assuntos atuais, para atrair os jovens pelo novo e para mudanças, sobretudo, a diversidade de gêneros textuais interessantes para a faixa etária de cada um.

A partir dos conhecimentos do cotidiano de cada estudante é possível estabelecer um elo entre escola e professor, pois é muito importante para a formação da personalidade dos alunos a reconstituição dos seus prévios saberes. É preciso respeitar suas próprias ideias, aproveitar a essência do que eles querem passar para o papel. Muitas propostas de ensino, hoje, têm por objetivo a relação existente entre aluno e escola e as barreiras existentes entre ambos. Os conhecimentos que a escola proporciona contrastam com os conhecimentos que os alunos trazem para sala de aula. Por essa razão, o interesse oportuno deste trabalho.

As considerações finais apresentam os fatores relevantes das produções em sala de aula em que os professores levam para a aula atividades com dinâmicas diferentes para que esta não caia na rotina. Sabe-se que a linguagem é um instrumento fundamental na



constituição de relações sociais, por isso é necessário organizar situações de aprendizagem que favoreçam a reflexão dos alunos.

A partir deste artigo, espera-se que haja uma contribuição na produção textual em sala de aula, pois os alunos estão cada dia mais críticos em relação ao que desejam para suas vidas, pois se pode observar, através das temas trazidos para sala de aula e do contexto por eles descritos, que deixavam a imaginação fluir conforme o que escreviam.

1 O aprendizado por meio da interação

A escola deve estar atenta à fruição⁷ e ao prazer, pois a adolescência é um espaço no qual a imaginação é permitida, sendo esta uma possibilidade de experimentação da linguagem. A experiência de linguagem pode envolver o científico, o artístico e também o técnico. Ainda como afirma Vygotsky (1987, p. 82):

A imaginação, sendo a base de toda a atividade criadora manifesta-se por igual em todos os aspectos da vida cultural, possibilitando a criação artística; técnica e científica todo o mundo da cultura é produto da criação e da imaginação humana. (...) a criação existe não apenas como origem dos acontecimentos históricos, mas como processo onde o ser humano imagina, combina, cria algo novo por insignificante que essa novidade pareça ao ser comparado com as realizações dos grandes gênios.

Contudo, essa possibilidade de experimentação criadora e imaginária de cada aluno é feita conforme a realidade vivenciada de cada um.

A escola é uma das entidades competentes para alfabetizá-las e continua cometendo alguns erros como: fornecer os rudimentos da língua escrita ou ortográfica, desconhecendo as concepções de leitura que o aluno traz consigo.

Nem sempre o professor consegue que seus alunos leiam o texto escrito, a fim de compreendê-lo para a partir daí escreverem seus próprios textos, construindo o processo de aquisição da escrita.

O professor às vezes também desconsidera que podem conviver com elementos diferentes dos textos informativos (de livros), como textos veiculados nos mais diversos meios, o pragmático como não necessariamente lúdico prazeroso ou os textos “sérios” impossibilitando maneiras diferentes de releitura, re-atribuição de sentidos e de reescrita.

⁷ A fruição: desfrutamento, usufruir, gozo.



Os padrões de cultura acompanharam a evolução e a escola atual precisa responder a esta mudança porque o mundo mudou. A formação de valores, a vontade política e a concepção do processo de aprendizagem são alguns elementos que interferem na prática do professor. Em sala de aula os propósitos podem ser definidos conjuntamente com os interesses do aluno e, para que aconteça um rendimento utiliza-se de diversas técnicas para “variar a aula.” Diversificar os métodos de ensino e atender às necessidades e expectativas do educando são tarefas que desafiam os professores atuais.

Partindo deste princípio, Savani (*apud* VASCONCELLOS, 2000, p. 57) menciona que:

O professor em sala de aula não se defronta com o indivíduo empírico, descrito em todas as suas variáveis, respeito do qual existem conclusões precisas estaticamente significativas. O professor está lidando com o indivíduo concreto, enquanto indivíduo concreto ele é uma síntese de inúmeras relações sociais. Ele não se enquadra no modelo descrito pela psicologia, pois o indivíduo empírico é uma abstração, pressupõe um corte onde se define determinadas variáveis que são objeto de estudo. O professor não pode fazer o corte: o aluno está diante dele vivo, inteiro, concreto.

Segundo o autor, o educador deverá ser articulador no processo de ensino e aprendizagem, sem deixar de lado a realidade de cada um, interesse, experiências anteriores, e para que ocorra essa harmonia o professor precisa aprender com seus alunos.

É importante que o professor estabeleça um bom relacionamento com seus alunos para melhor interagir com os interesses deles, no sentido de favorecer seu desenvolvimento e suas capacidades intelectuais, bem como uma postura favorável no momento da produção. É fundamental que o professor estabeleça uma relação de diálogo entre eles, demonstre confiança em relação à realidade na qual irá trabalhar.

Acreditava-se que na educação tradicional, bastava somente o professor falar para que os alunos compreendessem qualquer tipo de discurso, fosse ele falado ou escrito, porém, isso hoje não serve de suporte em sala de aula e não dá bons resultados no ensino-aprendizagem.

De acordo com afirmações de Vasconcellos (2000, p. 58), a transmissão e construção do conhecimento:



[...] supõe tanto a infra-estrutura orgânica, o cérebro, o amadurecimento da função quanto a relação social, a interação com o material que a cultura transmite (linguagem, objeto, etc.). O conhecimento é produto da inteligência, da forma que produz a inteligência. O homem é geneticamente social, uma vez que o próprio desenvolvimento orgânico depende das interações sociais.

Diante disso a prática de sala de aula é um elemento básico para um bom aproveitamento do aluno. O desenvolvimento do conteúdo que a escola estabelece, é importante para proporcionar o elo entre o educador e a expectativa do aluno.

Trabalhar com o aluno e o professor, sujeitos ativos, poderá ser uma maneira de prender a atenção do aluno para que o processo ensino-aprendizagem fique mais interessante, permitindo que o trabalho do professor seja estimulante e prazeroso para ambos.

Segundo o Ministério de Educação e Cultura (MEC) (*apud* VASCONCELLOS, 2000, p. 18)

O processo de ensino-aprendizagem pode ser assim sintetizado: o professor passa para o aluno, através do método de exposição verbal da matéria, bem como de exercícios de fixação e memorização, os conteúdos acumulados culturalmente pelos homens, considerando como verdades absolutas. Nesse processo predomina a autoridade do professor enquanto é reduzido a um mero agente passivo. Os conteúdos, por sua vez, pouco têm a ver com a realidade do aluno, com sua vivência. Os alunos menos capazes devem lutar para superar as suas dificuldades, para conquistar o seu lugar junto aos mais capazes.

Desta fora, no contexto escolar o professor deve proporcionar ao aluno elementos mais importantes para compreender o conteúdo em si.

Existe aluno que não está interessado no conteúdo, nem participa ativamente em sala de aula, muito menos se importa em escrever relatos de seu cotidiano, sendo, então, um sinal de alerta para que o educador tenha a sensibilidade de procurar esses alunos e tentar ajudá-los.

A sala de aula não é só o espaço físico em que o professor trabalha seus conhecimentos, mas é o momento que ele tem maior contato com os mais diferentes tipos de pessoas e culturas das mais variadas possíveis, por isso deve também estar atento ao comportamento emocional de seus alunos.

O professor é um mediador que possui sensibilidades, as quais possibilitam descobrir no aluno o que ele está querendo dizer, quais são seus anseios e suas expectativas. Dessa forma, esse professor será visto pelos seus alunos como um alguém que também tem sentimentos iguais aos deles. Essa percepção só irá favorecer o entendimento entre ambos,



tornando assim o convívio e o ambiente de trabalho um lugar agradável de estar. É nesse meio que os alunos conseguirão construir saberes variados com mais facilidade.

Para Vasconcelos (2000, p. 22), os conhecimentos dos professores ocorrem devido a alguns fatores:

O conhecimento se dá da relação sujeito X objeto X realidade, com a mediação do professor (e não pela simples transmissão). O conhecimento se dá pela ação do educando sobre o objeto de estudo (e não pela ação do professor). Existem vários estágios de conhecimento (pois os alunos não são adultos em miniaturas) o aluno traz uma bagagem cultural. O trabalho que o professor faz em sala de aula tem dimensão coletiva Educando X objeto de conhecimento X realidade X Educador.

A partir dessa afirmação, o autor revela que conhecer uns aos outros é um trabalho que exige esforço, pois todo o sujeito precisa de mediação de algum tipo de instrumento seja ele mecânico ou pessoal, por isso à medida que entendemos a realidade do aluno ou pelo contato com o conhecimento estabelecido no dia a dia e pela convivência diária o elo de confiança fica fortalecido e a aprendizagem se define como um processo duplo.

Para Aguiar e Bordini (1993, p.18), “A tarefa do professor requer condições favoráveis, e principalmente ver o aluno como um ser em formação, que precisa ser respeitado.” Portanto, é fundamental conhecer o aluno para desenvolver um bom trabalho em sala de aula. É através da motivação que o educador conduz os educandos para as atividades escolares e conseqüentemente contribui na sua formação como cidadão.

A prática de sala de aula é um elemento básico para um bom aproveitamento do aluno. O desenvolvimento do conteúdo que a escola estabelece, é importante para proporcionar o elo entre o educador e a expectativa do aluno.

Trabalhar direcionado o aluno e o professor sujeitos ativos poderá ser uma maneira de prender a atenção do aluno para que o processo ensino-aprendizagem fique mais interessante, permitindo que o trabalho do professor seja estimulante e prazeroso.

Segundo o Ministério de Educação e Cultura (MEC) (*apud* VASCONCELLOS, 2000, p. 18)

O processo de ensino-aprendizagem pode ser assim sintetizado: o professor passa para o aluno, através do método de exposição verbal da matéria, bem como de exercícios de fixação e memorização, os conteúdos acumulados culturalmente pelos homens, considerando como verdades absolutas. Nesse processo predomina a



autoridade do professor enquanto é reduzido a um mero agente passivo. Os conteúdos, por sua vez, pouco têm a ver com a realidade do aluno, com sua vivência.

Os alunos menos capazes devem lutar para superar as suas dificuldades, para conquistar o seu lugar junto aos mais capazes.

Então, no contexto escolar o professor deve proporcionar ao aluno elementos mais importantes para compreender o conteúdo em si.

Existe aluno que não está interessado no conteúdo, nem participa ativamente em sala de aula, muito menos em escrever relatos de seu cotidiano, sendo, então, um sinal de alerta para que o educador tenha a sensibilidade de procurar esses alunos e tentar ajudá-los.

A sala de aula não é só o espaço físico em que o professor trabalha seus conhecimentos, mas é o momento que ele tem maior contato com os mais diferentes tipos de pessoas e culturas das mais variadas possíveis, por isso deve também estar atento no comportamento emocional de seus alunos.

2 PCNs e a produção textual

A escola baseia-se nos PCNs, os quais permitem direcionar os conhecimentos dos alunos na produção de um determinado texto. A escrita de textos deve sempre considerar suas condições de produção que variam de acordo com a finalidade e especificidade do gênero. A maneira de escrever e produzir um texto de acordo com seu contexto leva o professor a pensar que a língua escrita está ligada ao raciocínio.

Essa afirmação que espelha uma relação estreita entre o domínio da escrita e o raciocínio-lógico pressupõe, de acordo com Scriber e Col (1981) que foi a representação da escrita da fala que possibilitou os homens claramente a segmentação das palavras bem como o desenvolvimento das formas de raciocínio, estes últimos encarados como produtos de escritas não orais.

Assim, só dominando a escrita e estando apto a ler e a escrever textos lógicos, o aluno entra em um processo de integração social.

As metodologias de ensino deveriam pautar-se em concepções coerentes com o ensino da língua escrita, sendo necessária a adequação dos diferentes meios de leitura para a produção de texto contextualizado. Ao produzir determinado texto o aluno deveria estar preparado para ser leitor. Quando isso não acontece, Freire (*apud* KELLNER, 1995, p. 126), chama isso de “analfabetismo”, e explica:



Uma pedagogia emancipatória, o desenvolvimento de um alfabetismo crítico deve fortalecer o poder do indivíduo, ao capacitá-lo para aprender ver através das mistificações de seu ambiente (...) um alfabetismo crítico em relação à mídia é um excelente meio (...) a familiaridade com a publicidade, exposição à televisão ao cinema e à música, etc., possibilita que se envolvam mais prontamente com artefatos de sua cultura.

Dessa forma, os estudantes de séries iniciais sentem-se mais seguros quando conseguem fazer paralelos com o seu cotidiano.

Para a escola, o aluno deverá sair preparado tanto na linguagem oral quanto na escrita, não podem ser vistas como processo de representação de aquisição individual de habilidades para a escrita, bem como processo de representação e sistema gráfico de ensino.

Para os PCNs, a produção oral pode acontecer nas mais diversas circunstâncias e dentro dos mais diversos projetos de atividades em grupo ou pesquisas que envolvam e definam o tema, resoluções de problemas que exijam resultados aos procedimentos empregados e atividades de produção textual.

A produção textual é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado no texto, a partir de seus objetivos e do seu conhecimento sobre o assunto. Assim os alunos aprendem a escrever participando de atividades de uso da escrita junto com pessoas que dominam esse conhecimento. É preciso que os professores ajudem as crianças a descobrirem nos textos uma face prazerosa, sua dimensão mais encantada e envolvente.

Os professores devem levar para sala de aula, textos atualizados e que despertem a curiosidade dos alunos para assuntos de seu cotidiano e que os levem à produção.

É preciso, portanto, oferecer-lhes os textos do mundo: não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático, apenas porque o professor pede. Eis a primeira talvez importante estratégia didática para a prática da leitura: o trabalho com diversidade textual. Se ela pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se farão leitores competentes. (PCN 1997, <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivo/pdf/livro01.pdf>)

O professor precisa, portanto, estar atento às mudanças, ter muita segurança daquilo que quer mudar, ter criatividade e não ter medo de correr riscos.

Para obter alguns resultados com a leitura, faz-se necessário enfatizar que é importante associar o que é lido com as experiências pessoais, saber reconhecer a mensagem



que um determinado texto traz, compreender a estrutura das frases para aprofundar-se na leitura.

Para promover o interesse pela leitura, além de outras atividades, cabe ao professor escolher de acordo com a realidade de sua sala de aula a leitura dramatizada. A leitura em voz alta e relatos de histórias, mostras de livros, painéis e textos, propaganda de livros, atividades de leitura sem compromisso de avaliação, valorização da leitura em sala de aula, painel com nome do leitor, livros, tempo destinado à leitura, opiniões sobre o que leu.

Muitas vezes, os textos lidos em escola são escritos na língua culta, dificultando ainda mais o entendimento dos alunos, pois poderá estar distante dos seus padrões linguísticos. Nesse caso, é necessária uma explicação do professor, o que será um primeiro passo para a compreensão do material a ser trabalhado e de aproximar o aprendiz a outras formas de expressão.

Lajolo (2002, p. 41.) quando se refere à qualidade de um texto e ao que os alunos querem ler, critica também os livros existentes nas escolas atuais.

(...) as nossas escolas do estado estão invadidas por livros medíocres. A maior parte deles são escritos em linguagem incorreta onde, por vezes, ressalta o calão popular e o termo chulo. Esses livros, pois, em vez de educar as crianças, guiando-lhes o gosto pelas coisas belas e elevadas, viciam-nos desde cedo, familiarizando-as com as formas dialéticas mais plebeias.

De acordo com a afirmação da autora, nas escolas, livro é o instrumento fundamental aos professores, principalmente, em sala de aula. A escola deve ter uma boa biblioteca com livros voltados para os anseios de seus alunos, assuntos que eles queiram saber e ao buscar na escola esses saberes consigam estabelecer vínculos de afetividades e aperfeiçoamentos que embasem sua cultura, ou seja, o leitor e o texto precisam integrar-se.

Os professores têm a responsabilidade de se manter atualizados, para incorporar a sua prática aos conhecimentos dos alunos. Os aspectos metodológicos devem auxiliar o aluno a se tornar sujeito, capaz de organizar e avaliar suas experiências em sala de aula e aplicá-las no mundo exterior a fim de resgatar a sua própria cultura e com isso valorizá-la, como ser capaz de defender seus próprios interesses.

Para Kleiman (2001, p. 39):

Numa atividade de leitura, é preciso distinguir as relações que são instituídas entre o autor e leitor, por outro lado, entre leitor e contexto. No contexto escolar, o professor



um dos fatores de ação do contexto imediato no leitor, é também constitutivo do processo.

Portanto para que ocorra a aproximação entre autor e leitor no contexto escolar à adequação da leitura em sala de aula, o papel do professor não pode ser só de mediador, mas fornecedor de condições para o aperfeiçoamento de seu aluno.

Na escola, almeja-se que o aluno escreva, mas muitas vezes, não lhe são oferecidas condições para isso. Para que essa atividade se torne prazerosa um dos primeiros passos será motivar o aluno para a escrita.

Alguns estudiosos tais como Kaufman (1995), Kellner (1995) e outros sugerem que o trabalho do professor deve consistir numa espécie de terapia: assinalar o erro, selecioná-lo, propor alternativas corretas e exigir a observância desta última na redação seguinte.

Para a interação mais dinâmica entre leitura e produção de maneira que desperte interesse no aluno, merece destaque o conhecimento que os alunos trazem. Mas este necessita ser orientado pelo professor que precisa estar atento a essas modificações e implantar no seu cotidiano escolar mecanismos que facilitem o processo de produção textual. O incentivo à leitura pode ocorrer de diversas maneiras, tais como: entrevistas, poesias, mensagens subjetivas de otimismo ou algo que o aluno sinta-se motivado para uma melhor dedicação à leitura e à produção de um texto.

Os conhecimentos trazidos pelos alunos para sala de aula são conteúdos relevantes e devem ser considerados como uma ponte de ligação, entre os conhecimentos prévios do aluno e a produção de um determinado tipo de texto. À medida que o sujeito participa ativamente, vai procurar fazer relações com o que já sabe para corrigir, iniciar novas relações e expandir para o meio que convive.

Segundo Oliveira (*apud* VASCONCELLOS, 2000, p. 65):

Não é possível ensinar sem aprender. Não é possível ensinar nada sem conhecer a realidade vivida por esse grupo com o qual o educador vai trabalhar. Como é que alguém de fora poderá saber que configuração tem essa situação-problema? Que instrumento o grupo já possui para enfrentá-la e que instrumentos ainda não possuem e têm interesse e necessidade de adquirir?



Portanto, produzir não é tarefa fácil, requer paciência, inspiração, e principalmente conhecimento sobre o que se escreve. Poderá ser difícil colocar as ideias no papel, por isso a importância de ser explorado o que está sendo escrito ou defendido.

Segundo Faraco (*apud* GERALDI, 1990, p. 20) “Escrever é muito mais que desenhar letras no papel...”, para que aconteça uma produção é preciso que se criem momentos de motivação para que os alunos contextualizem um determinado assunto para a seguir expor através da escrita o seu posicionamento, não importando a quantidade do que está escrito, mas sim se o texto está coerente e com expressões claras.

Para Vasconcellos (2000, p.86): “O professor deve levantar situações-problema que estimulem o raciocínio, ao invés de sobrecarregar a memória com uma série de informações desconexas.” Este tempo entre entendimento do texto e preparação da escrita é uma questão que envolve o sujeito como um todo, seu pensar, sentir e agir, entre a ação do sujeito e o elo significativo que se estabelece, entre a ação do sujeito e o objeto que lhe é dado a conhecer.

No momento de produzir um texto em sala da aula, qualquer que seja a técnica utilizada faz-se necessário usar de alguns critérios, tais como: a apresentação do objeto de estudo, a problematização, o fornecimento de subsídios, a elaboração de hipóteses e confronto de hipóteses.

A respeito da palavra, Vygotsky (*apud* VASCONCELLOS, 2000, p. 98) registra:

A comunicação por escrita baseia-se no significado formal da palavra e requer um número muito maior de palavras do que de fala oral, para transmitir a mesma ideia. Dirige-se a um interlocutor ausente, que muito poucas vezes tem em mente o mesmo assunto que o escritor. Portanto, deve ser muito mais desenvolvida.

Segundo a afirmação, ao passar as ideias para o papel são necessárias muitas palavras escritas, porque nem sempre o que se diz, oralmente, tem o mesmo sentido quando se escreve.

O aspecto que deve ser considerado em relação ao entendimento de um determinado texto é a leitura e a escrita e sua relação de interdependência, em que ambos os sistemas de representação se influenciam de maneira igualitária. Ainda se discute sobre a presença de uma sobre a outra. Para Barthes e Marty (1987, p. 32): “[...] a escrita tem uma relação não necessária com o oral. Relação segundo a qual, o signo escrito não tem integralmente origem na palavra ou no auditivo, traduzindo-a, mas também de uma maneira autônoma no visual.”



Já Vygotsky (1987) define a fala como: “Um signo de entidade real, e a escrita, apenas em um primeiro momento, como medida pela fala. Isso porque os signos escritos estão representando, inicialmente sons e palavras da oralidade.”

Faz-se necessário o entendimento da linguagem como ponte de mediação estando vinculada ao simbolismo humano.

Para complementar esse conceito temos o de Vygotsky (1987) em que o processo de transformação e o uso de instrumentos mediadores são formas sofisticadas do comportamento humano, os quais ele chama de memória ativa, ou resolução de problemas.

Todo o ser humano já possui conhecimento e com o passar do tempo ele vai aperfeiçoar e adquirir novos conhecimentos.

Dessa forma o autor vê o indivíduo letrado como o que representa desenvolvimento da linguagem e do pensamento depois de ter acesso às várias formas especializadas de texto escrito.

Considerações Finais

Precisa-se repensar as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos educadores para que a educação seja o meio de transformar a sociedade em que se vive. Para tanto, os educadores devem trabalhar a autoestima dos alunos, a fim de auxiliá-los a serem criativos e leitores críticos, conhecedores do que querem ler, promovendo assim uma geração que saiba escrever, ler e expressar suas ideias sem maiores dificuldades, expressando o que sentem.

Segundo Saviani, (*apud* VASCONCELLOS, 2000, p. 31) para considerar métodos eficazes é preciso buscar:

Métodos que estimularão a atividade e iniciativa dos alunos sem abrir mão, porém da iniciativa do professor; favorecerão o diálogo dos alunos entre si e com o professor, mas sem deixar de valorizar o diálogo com a cultura acumulada historicamente; levarão em conta os interesses dos alunos, ritmos de aprendizagem e o desenvolvimento psicológico, mas sem perder de vista a sistematização lógica dos conhecimentos, sob sua ordenação e graduação para efeitos do processo de transmissão-assimilação dos conteúdos cognitivos.

Fundamentado nessa teoria, a busca de novos métodos, pelos professores do Ensino Médio, torna-se constante, pois seus alunos não admitem mais rotina em sala de aula. À medida que o tempo passa, os interesses tornam-se mais efêmeros, por isso há procura de



aperfeiçoamento para uma melhor qualidade educacional com a construção de novas propostas de ensino da Língua Portuguesa.

A aprendizagem não acontece somente através de métodos tradicionais, mas principalmente por expansões de métodos que envolvam os alunos a também buscar na escola uma boa qualidade de ensino-aprendizagem, com técnicas eficazes que despertem a busca por novos saberes.

Considera-se que a produção textual é uma atividade construtiva, em relação à linguagem e uma situação de interação com o meio social que possibilita ao aluno a construção do conhecimento.

Para a produção textual não existe padrão, existem formas diferentes de trabalhar. A importância de valorizar o conhecimento trazido pelo aluno para o contexto escolar favorece o professor em sala de aula, o aluno e a escola como instituição formadora.

As escolas precisam assumir um compromisso real com a construção de conhecimentos, especificando os princípios de procedimentos que compreendem e sugerem processos de ensino-aprendizagem.

As questões com relação à produção textual em sala de aula implicam em uma retomada de questões pedagógicas que deverá ser ampliada já no processo de alfabetização.

No entanto, cabe ao professor ser o mediador, levando o aluno a aprender, a criar hábitos, atitudes e valores que levará para sua vida e em toda a trajetória de estudante, pois como afirma Freire (1997, p. 39), “é preciso que o educador não se restrinja ao âmbito da sala de aula, da estrutura interna na escola, aos problemas de legislação escolar, mas volte-se para assuntos mais importantes dentro do contexto social e política em que vivemos.”

Referências

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor - alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado, [S. d.].

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Introdução aos Parâmetros curriculares Nacionais-1ª a Ensino Médio**. Brasília. MEC/SEF, 1997.

FARACO, Carlos Alberto, TEZZA, Cristóvão. **Prática de texto. Língua Portuguesa para nossos estudantes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 5ª ed, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.



GERALDI, João Wanderlei (org.). **O texto na sala de aula: leitura e produção**. 5. ed. Cascavel: Assoeste, 1990.

HAYAKAWA, S. I. **O que significa a estrutura aristotética**. In: CAMPOS, H. Ideograma. São Paulo: Curtix, 1977.

KAUFMAN, Ana Maria, RODRIGUEZ, Maria Helena. **Escola, leitura e produção de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KELLNER, D. Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia mais moderna. In: da SILVA. **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 1995.

KLEIMAN, Ângela. **Leitura ensino e pesquisa**. 2. ed. Campinas: Pontes, [S.d.] 2001 (p.13)

_____. **A inter- ação pela linguagem**. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **Oficina da leitura: teoria e prática**. Campinas: Universidade de Campinas, 1993.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Construção do conhecimento em sala de aula**. 11. ed. Cadernos Pedagógicos do Libertad, São Paulo: Libertad, 2000.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins, 2003. 1987 (p.7) e (p.16)